

1992 – a via gangsta¹

Fábio Magalhães Candotti²

Corria o ano de 1992 em Atlanta, quando um recém-famoso rapper foi convidado para discursar num banquete organizado pelo *Malcolm X Grassroots Movement*, que já era então um dos mais importantes movimentos negros existentes nos EUA. O rapper é apresentado por um ilustre membro desse movimento, Watani Tyehimba, como “uma pessoa muito querida para mim, uma pessoa que é um revolucionário da segunda geração”. Watani – que logo se tornaria seu braço direito – o conhecia desde criança. Havia lutado ao lado de sua família junto ao *Black Panthers Party for Self Defense* nos anos 1960 e 70. Havia, por isso, acompanhado seu crescimento. Sabia que sua mãe, Afeni Shakur, havia sido presa duas vezes e passado quase toda a gravidez na prisão, de onde saiu para ser perseguida pelo resto da vida, para ter suas menores lutas esmagadas, para não conseguir emprego em lugar algum e ser obrigada a migrar de tempos em tempos, para passar fome e se viciar em crack. Sabia que seu pai de sangue os havia abandonado e que seus tios e padrastos haviam sido todos presos ou mortos. Sabia ainda que, apesar de todas as desgraças, sua educação havia honrado seu nome (uma homenagem a dois chefes indígenas andinos), que havia sido criado como um verdadeiro *black prince* e que nos anos 1980 ocupara a posição de *chairperson* da organização juvenil *New Afrikan Panthers*. Acima de tudo, Watani sabia aquilo que todos ali sabiam: que aos 21 anos de idade, além de ter vendido algumas centenas de milhares de cópias do primeiro álbum, de ter lançado um videoclipe visto em todos os EUA que conta a história de Brenda, uma jovem mãe solteira³, esse rapper havia conquistado muito rapidamente um imenso respeito nas ruas dos guetos, principalmente em Los Angeles, cidade que naquele mesmo ano – e pela segunda vez em menos de trinta anos – fora o palco de mais uma revolta popular que mobilizou a Defesa Nacional e resultara em cerca de 25 mil presos⁴. Carregado por essa memória dupla, dos movimentos sociais e das ruas, Tupac Amaru Shakur, o rapper, não sabe bem onde se posicionar, não sabe bem quando dizer “nós” e “vocês” ou “nós” e “eles”. Parece, entretanto, saber com bastante certeza que aquilo que aquele público precisava ouvir naquele momento dizia respeito justamente a essa dificuldade.

Primeiro, eu quero dizer: paz para a minha mãe! Ela não está aqui mas eu preciso lhe desejar paz. Eu não estaria aqui se não fosse por ela. E eu olhei na frente desse papel e ele diz “comece por dentro para reconstruir

1 Este ensaio é uma versão do último capítulo da minha tese de doutorado, orientada pelo prof. Dr. Laymert Garcia dos Santos e recentemente defendida na Unicamp (Candotti, 2011). Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelas bolsas concedidas. Agradeço também a Gustavo Lemos Picanço pela ajuda nas traduções e à Maria Tereza Parente, Ennio Candotti, Igor Vitorino da Silva e ao parecerista ad hoc da *Revista Áskesis* pelas leituras atentas.

2 Doutor pela Universidade Estadual de Campinas (2011), onde integra o grupo de pesquisa Conhecimento, Tecnologia e Mercado (CTeMe).

3 O vídeo pode ser assistido no link que segue: Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Wl54ABY8VgY>>. Acesso em: 08 Out. 2011.

4 Trata-se do L.A. Riot de 1992. Sobre isso, ver Davis (1992) e o verbete na Wikipedia Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/1992_Los_Angeles_riots>. Acesso em: 05 out. 2011.

nossa grandeza original”, certo? Bem, foi isso que minha mãe fez. E eu to ouvindo coisas sobre lutadores e combatentes da liberdade. Bem, vocês têm que entender que quando era moda ter uma arma e ficar na rua, minha mãe abriu mão disso para ficar em casa e lavar as louças. Tá ligado? E nos alimentou. E colocou pensamentos na nossa cabeça. Tá ligado? Porque nós não recebemos nada daquela história de todos aqueles soldados que nós perdemos. Não tivemos nada disso. Eles todos foram pra cadeia, se é que vocês podem se lembrar. Eles todos foram para penitenciárias. Nós não vimos nada desses conhecimentos. E se não fosse por minha mãe, que ficou em casa e não foi pra rua fazer tudo aquilo, então eu não teria merda nenhuma. Desculpa o vocabulário, mas eu não teria ido a lugar nenhum.(TUPAC, 2003, tradução minha).⁵

Nada de palmas – não ainda. No máximo, algumas pouquíssimas intervenções individuais como aquelas que sempre pontuam as falas nesses encontros, idênticas àquelas típicas aos cultos protestantes mais populares. Tupac fala como alguém que partilha as ruas dos guetos e provoca uma plateia de homens e mulheres que se dedicaram à vida pública com a história de uma importante personagem pública – sua própria mãe – que fizera um trajeto exatamente inverso àquele por eles considerado como o verdadeiro e único caminho da emancipação – principalmente em se tratando de uma mulher. Pouco importa o que a levou a fazer isso, se uma escolha ou uma impotência. Seu filho narra essa inversão como uma ação que, ao fim, se mostrou sábia e heroica. Com ela, sua mãe pôde realizar uma tarefa das mais nobres à qual, pelo visto, poucos se dedicaram: manter viva nas ruas a memória das lutas passadas. As mesmas que foram largamente esmagadas e caladas por uma repressão estatal baseada no encarceramento e no assassinato.

Lá, naquele lugar, todos sabem do que se trata. Mas parece haver algo entre Tupac e seu público que o leva a provocar – “...se vocês podem se lembrar”. Por que não lembrariam? O próprio Watani Tyehimba, por exemplo, não apenas havia sido membro dos Panteras Negras como fora um dos responsáveis pela contrainteligência que tornou pública, ainda nos anos 1970, a atuação da CIA no desmonte daquele movimento. Todos sabem. Mas todos haviam igualmente protagonizado um outro “movimento”, ainda que não necessariamente organizado, de abandono do gueto em direção a bairros de classe média e em favor de lutas mais imediatamente ligadas às instituições do poder público, como a reivindicação pelas chamadas “ações afirmativas”⁶.

Naqueles primeiros anos da década de 1990, abandono parecia ser mesmo um termo para sintetizar a situação dos guetos negros nos EUA. Equipamentos públicos como hospitais e escolas fechados, prédios incendiados e vazios, regiões habitadas, mas sem qualquer acesso a energia elétrica, organizações comunitárias falidas, economia interna progressivamente dominada pelo comércio e pelo consumo de crack, além de uma incessante guerra de vinganças entre gangues e da presença constante de uma polícia historicamente racista e, agora, encarceradora e assassina como nunca. Não assusta que a parcela mais bem “estruturada” das

5 Esse discurso é parte dos “extras” do DVD do documentário *Tupac Resurrection*. Convidamos o leitor a assistir o vídeo, ainda que sem legendas. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=kdTy9ga9Je8>>. Acesso em: 07 out. 2011

6 Ainda que Tupac estivesse questionando um movimento que havia aderido à causa das “ações afirmativas”, parece que ele mesmo procurou articular uma resistência quando, em 1996, na Califórnia, a própria Califórnia Civil Rights Initiative Campaign, liderada pelo regente da Universidade da Califórnia (um negro, Ward Cornelly), elaborou a Proposição 209, que proibia as cotas por raça ou gênero na contratação pública. Sobre isso, ver texto anônimo dedicado às possíveis motivações para o assassinato de Tupac em 1996. Disponível em: <<http://www.angelfire.com/nb/makavelirecords/murder.html>>. Acesso em 15 out. 2011.

famílias tenha batido em retirada. E não cabe aqui julgá-la. Mas é impossível não se espantar com a profundidade do abismo criado no interior da comunidade negra estadunidense. Em 1988, ao ser questionado sobre a maneira de “recuperar” um menino de treze anos de idade que vende crack nas ruas, um antigo ministro da propaganda dos *Black Panthers*, e então sociólogo em Berkeley, responderia da seguinte maneira.

– A realidade é que não é possível.

– Mas então?

– É preciso ter consciência de que eles não vão conseguir. As cidades, a cultura e os negros em particular têm que começar a se mexer para tirar o lixo das ruas.

– Como?

– Significa que temos que tomar consciência de que existem criminosos entre nós, e que temos que optar por uma linha muito dura com eles, se quisermos preservar nossa próxima geração e as gerações futuras. Mesmo que sejam nossos filhos.

– Então o que você faria se fosse um pai e descobrisse que seu filho de treze anos está vendendo crack?

– Ele seria entregue à polícia para que ficasse preso. Preso por muito tempo. Tanto quanto a lei permitir, esforçando-me para fazer com que seja pelo maior tempo possível. Sou a favor de trancá-los, retirá-los das ruas, pô-los atrás das grades. (DAVIS, 2009, p. 293)

É provável que essa não fosse exatamente a posição da maior parte do público de Tupac naquele dia de 1992. Independentemente disso, o fato é que os guetos já haviam passado por um amplo processo de usurpação de sua identidade étnica ou racial, sendo aos poucos reduzido a apenas mais um bairro ou região definida pela sua “pobreza” e pelos “altos índices de criminalidade”. Processo que atingia também outras coletividades, como a dos “chicanos”, a tal ponto que, na mesma época, os especialistas do Departamento de Polícia de Los Angeles estipulavam a existência de 100 mil “irrecuperáveis” circulando livremente pelo condado – que não tinha os 10 milhões de habitantes que tem hoje. Mas, então, é preciso não estranhar quando um dentre os tantos jovens que sabiam estar nessa lista negra se põe a falar como alguém cuja função é a de lembrar os mais velhos – e não a de lhes trazer alguma novidade.

[...] eu tenho que lembrar que nós não podemos descansar. Ainda não é hora de relaxar, fazer banquetes e essas coisas. Ainda tá acontecendo. Tá acontecendo como estava quando vocês eram jovens e queriam dizer “foda-se”, exatamente como quando vocês disseram “foda-se” naquela época. Então, como pode, agora que eu tenho 20 anos, pronto pra começar alguma coisa, todo mundo me dizer para eu me acalmar? Vocês tão ligados: “não fale palavrão, vai pra escola, vai pra universidade”. Bem, foda-se tudo isso! Nós já temos universidades faz tempo. E as Brendas continuam aí, e os pretos⁷ continuam sendo presos. Tá ligado? E isso me deixa... irritado [risadas]. Porque eu entendo que isso não vai parar. Tá ligado? Isso não vai parar até a gente parar com isso. E não são apenas os brancos que fazem isso com a Brenda, e não são apenas os brancos que nos prendem. São os pretos! Tá ligado? Nós temos que encontrar o Novo Africano em todo mundo, em nós todos. Porque se nós continuarmos por aí procurando pelo negro e por quem está usando mais cores e por quem tem o *dashiki* mais chique, nós vamos continuar (desculpa o termo) fodidos. (TUPAC, 2003, tradução minha)

⁷ *Niggaz*, no original. É um termo próprio ao dialeto das ruas dos guetos. Nas palavras do próprio Tupac: “Niggers was the ones on the rope, hanging off the thing; niggaz is the ones with gold ropes, hanging out at clubs” (LAZIN, 2003).

Agora, além das mesmas manifestações tímidas de alguns, as palmas aparecem de maneira repentina. Mas, como se tivessem sido fruto de um enganado, somem rapidamente e não retornam. A afirmação de que os próprios negros estão implicados na desgraça dos guetos não se refere nem à guerra entre as gangues, nem ao posicionamento de movimentos negros mais conservadores. Uma vez mais, o raciocínio segue imediatamente em direção ao público, aos seus termos (o “Novo Africano”...) e às suas vestimentas. Tupac veste um boné meio voltado para trás e um casaco largo com gorro⁸, roupas típicas dos jovens do gueto, enquanto Watani mistura um terno-e-gravata com um chapéu que segue o estilo do citado dashiki. Naquele momento, roupas não são uma questão menor e demarcam explicitamente uma grave diferença que não é geracional⁹ e, sim, de situação econômica, de perspectiva política e de endereço residencial, simultaneamente. A referência a elas apenas desdobra uma outra distinção, que se inicia como uma típica fala da “nova geração” (“nós não podemos descansar”) mas que logo se mostra um tanto atrevida, descrevendo a solução escolhida pela “primeira geração revolucionária” para o presente como um descanso, para si e para seus filhos.

Que mais e mais negros se dedicassem aos estudos e ingressassem nas universidades – afinal, qual o sentido disso quando mais e mais negros são presos? O próprio Tupac havia aproveitado uma boa “oportunidade” quando aos 16 anos ingressou na *Baltimore School for the Arts*, onde aprenderia poesia, teatro e danças como o jazz e o balé. E, de fato, esse momento consta na memória de sua família como o mais feliz de sua vida. A tranquilidade, entretanto, não durou muito e cerca de um ano depois migraria mais uma vez com sua família, desta vez para Marin City, o “pior” dos guetos onde já havia morado, conhecido pelos seus altos índices de violência. Lugar onde sua mãe se viciaria em crack, mas que se tornaria em pouco tempo algo que podia chamar de *my hood* – ou, como hoje muitos dizem por aqui, “minha quebrada”, “minha área”. Lá enfim viveria pela primeira vez uma experiência intensa nas ruas, sendo acolhido tanto por gangues quanto por iniciativas de caridade. Lá, como muitos e para sua sorte, fracassaria no arriscado comércio de drogas ilícitas e seria incentivado por todos a seguir o caminho – promissor, mas extremamente incerto – do RAP.

Assim, na sua recusa da educação como via única, parece que Tupac reencontra o desvio realizado por sua mãe na sua própria trajetória. E talvez por isso retorne a ela em seguida, agora para afastar qualquer sinal de ressentimento pessoal a esse respeito, e apontar para aquilo que importa.

Porque me irrita que a minha mãe esteja passando neste momento por... Vocês sabem... Ela tem que se tratar. Essa é uma pessoa que eu vi viajando pelo país inteiro, durante tempos em que as mulheres tinham medo de levantar a voz pelos Panteras Negras. Ela falou em Harvard, Yale, em todos os lugares. E agora eu vejo minha mãe com que realmente está acontecendo. E agora eu não vejo grandes manifestações nas ruas pela minha mãe. E ela não recebeu merda de prêmio nenhum, e eu não vejo ninguém com ela. Tá ligado? Sobre isso tudo, eu levo na boa. Levo tudo na boa. O que eu quero que vocês considerem seriamente é o que temos que fazer pela juventude [palmas]. Porque nós estamos chegando num mundo completamente diferente. Esse não é o mesmo mundo que vocês viveram. Não são mais os anos 60. Não

8 É provável que as cores vermelhas desse vestuário estejam ligadas à sua proximidade com os *Bloods*, uma das duas grandes alianças de gangues da Los Angeles. Mais à frente, esse vínculo se mostrará importante.

9 Durante os anos 1980, tornou-se comum o uso do dashiki por parte de jovens artistas em público e nas mídias. Curiosamente, em sua primeira aparição num videoclipe, em 1991, Tupac veste justamente um desses, porém de maneira irônica, sendo carregado como um rei africano e dizendo como as mulheres passaram a se interessar por ele depois que ele ficou famoso. Na verdade, o dashiki aparece nesse vídeo como mais uma roupa tradicional entre tantas outras, todas expostas de maneira caricatural.

mais. Nós crescemos em A.C., Antes do Crack. Isso deve dizer tudo. Tá ligado? Vocês não cresceram... Nós não crescemos sem pais. Vocês tiveram pais que contaram para vocês “isso foi o que aconteceu há tempos atrás...”. Agora você não tem mais isso. Você tem jovens crianças, 14 anos, indo pra casa e a mãe deles tá fumando ou dando uma com seus melhores amigos pra arranjar o produto. Tá ligado? Então, isso não é apenas sobre vocês cuidarem de suas crianças, é sobre você cuidarem dessas crianças [muitas palmas]. Porque é isso que tá em questão aqui hoje. Tá ligado? [...] Me incomoda que eu tenha tido que pular a minha juventude pra me levantar e fazer alguma merda que outra pessoa deveria estar fazendo. Tá ligado? Pra mim, tem homens demais por aí pra fazer isso. Porque não é a minha vez ainda. Eu deveria estar seguindo ele [Watani Tyehimba], pegando conhecimento. Eu não tive nem a chance de pegar a porra do conhecimento. Eu não posso ir pra universidade. Tem problemas demais por aqui. Eu não tenho o dinheiro. Ninguém tem. Tá ligado? (TUPAC, 2003, tradução minha)

Falar em uma nova situação intensifica a confusão do rapper a respeito de sua posição em relação ao público. E isso conduz a variações no clima do lugar. Quando se posiciona ao lado do público parece facilitar a compreensão de quem ouve e, agora, aplaude *exatamente* no momento em que ouve duas palavras mágicas: crianças e juventude. As palmas respondem ao apelo por reconhecimento desses sujeitos como vítimas. Para a situação, é possível senti-las como um sinal de “radicalismo”. Porém, mais uma vez, elas se recolhem quando o discurso muda de posição e o público passa a ouvir a própria “juventude” falando, dando continuidade à sua versão da história e, com ela, justificando novamente sua ausência no caminho reto da universidade – e sua presença nas ruas. O ressentimento descartado para o caso da mãe reaparece com força. De uma posição à outra, do “nós” ao “vocês”, do apelo à acusação, afirma-se a demanda do tempo presente por desvios forçados. Como esse que lhe coubera como um destino familiar e que aparece como uma resposta necessária ao deslocamento que dá a medida para diferença entre a vida daqueles que cresceram antes e depois da introdução do crack nos guetos em meados dos anos 1980. Além do abandono de uma parte importante das gerações mais velhas – justamente aquela que lutara pelo gueto no passado e agora encontram-se ou enterrada em cemitérios e prisões ou engajada em universidades e banquetes – aparece agora o afastamento dos pais.

Improvizando sempre sobre o mesmo tema, variando os pontos de vista assumidos e mantendo seu foco sobre o corte profundo e doloroso que cinde sua própria história e sua própria pessoa, Tupac vai construindo aos poucos um questionamento e uma convocação desconcertantes para o seu público. Pois não se trata de mais um clamor por ampliação das “oportunidades”, mas de uma lembrança da importância da família. A insistência na figura dos pais indica apenas o ponto extremo em que a situação chegou. Como se dissesse: “para não falar dos tios”. Afinal, ele mesmo havia sido criado por muito “tios” como um filho, bem como havia acompanhado o cuidado de sua mãe com seus primos. E, muito longe de qualquer proposição sociológica que faria referência a uma função de condução e contenção dos mais jovens, Tupac prefere descrever a importância dos familiares mais velhos para o crescimento dos mais jovens pela sua capacidade de contar histórias.

O desafio seria, portanto, o de salvar os jovens das mãos dos temidos “traficantes” e das terríveis gangues para contar-lhes histórias cuja moral os estimule a seguir o caminho da paz, da tolerância e da “participação”? Não exatamente...

Então, o que eu tô dizendo é: não é tão fácil como planejávamos. E temos que permanecer reais. Nós temos que permanecer reais. Antes de podermos

ser Novos Africanos, nós temos que ser negros primeiro. Tá ligado? Nós temos que tirar nossos irmãos da rua, como Harriet Tubman tirou. Por que não podemos olhar isso e ver exatamente o que ela estava fazendo? Como Malcolm fez, o verdadeiro Malcolm, antes da Nação do Islã. Vocês têm que lembrar que ele era um cafetão, traficante e tudo isso. Nós esquecemos tudo sobre isso. Em nosso esforço para nos iluminarmos, nós esquecemos de todos os nossos irmãos na rua, dos nossos vendedores de drogas, nossos traficantes e cafetões. E são eles que estão ensinando a nova geração. Porque vocês todos não estão. Me desculpe, mas são os cafetões e os traficantes que estão nos ensinando. Então, vocês têm um problema com como nós fomos criados, porque eles eram os únicos que podiam fazer isso. Eles são os únicos que fizeram. Enquanto todos os outros queriam ir pra universidade e, você sabe, “tudo tinha mudado”, eles eram os únicos dizendo que os brancos não valem merda nenhuma. “Pega aqui, dá uma olhada, jovem *blood*: você leva esse produto, negocia ele, faz dinheiro e é assim que você bate o homem branco. Você pega o dinheiro e dá um jeito de cair fora”. Ninguém mais fez aquilo. Então, eu não quero ouvir ninguém me dizendo porra nenhuma sobre quem eu posso amar e respeitar, até que vocês comecem a fazer o que eles fizeram. Tá ligado? (TUPAC, 2003, tradução minha)

É tudo uma questão de realismo. E, para “permanecer real”, Tupac conduz a memória coletiva na direção de um passado longínquo o suficiente para ultrapassar aquilo que, do ponto de vista do público, poderia ser tomado como o começo dos tempos que corriam. Primeiro, por meio do nome sagrado de Harriet Tubman, em direção a um tempo, já muito distante, das lutas contra a escravidão, quando o foco no reconhecimento público e legal da humanidade dos negros não excluía, por exemplo, o agenciamento de uma rede de rotas de fuga em direção ao Norte e ao Oeste¹⁰. Mas é, sem dúvida, no exemplo seguinte que o rapper se arrisca mais – ou, praticamente, arrisca tudo. É aí que se sente a intensidade do momento. Não poderia haver nada mais louvável do que recorrer humildemente à trajetória do padroeiro do evento para cobrar um reforço no espírito de luta do público. Antes fosse. Para um movimento que se inspira essencialmente na memória de um Malcolm X islâmico e militante, que toma a radicalidade de sua conversão, ao mesmo tempo religiosa e “política”, como fonte de esperança, Tupac oferece justamente a lembrança da parte ultrapassada dessa vida como sendo aquela em que é possível encontrar o “Malcolm real”.

Note-se que, para chegar a tal atrevimento, ele teve ao menos o cuidado de, mais uma vez, se posicionar ao lado do público. Mas, dessa maneira, a afirmação de que “nós esquecemos tudo isso”, além de denotar respeito e humildade, diz algo a respeito do próprio ato de lembrar. Um membro da “segunda geração revolucionária” certamente sabia que ninguém ali desconhecia tal parte da história. Muito pelo contrário: nada reforça mais a potência de uma conversão religiosa ou de uma conscientização política do que o seu grau de dificuldade. E num momento em que a “criminalidade” se torna o problema central, nada mais importante do que “lembrar” que, um dia, Malcolm X fora um “bandido”. Logo, “lembrar” e “esquecer” têm aí outro sentido, que fica claro na medida em que o discurso do rapper segue adiante, radicalizando ainda mais a profanação já iniciada. Pois, como se não bastasse, ele agora se atreve a comparar os dois nomes evocados justamente com aqueles que ocupam a posição de carrascos mais imediatos da juventude negra. Já não se trata, simplesmente, de defender os jovens e crianças que trabalham nas ruas, nem a instituição das gangues, que apesar de tudo carregam uma história anterior à novíssima economia do crack. A comparação se refere aos seus líderes

10 Essa rede é bem conhecida pela historiografia dos EUA. Sobre ela: Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Underground_railroad>. Acesso em: 11 out. 2011.

ou – para ser mais preciso – à primeira geração de líderes que havia colocado o sistema de gangues em função dessa economia e que, por isso mesmo, acabou por modificar a dinâmica de renovação do poder, mantendo-se no posto com o passar da idade.

Na impossibilidade de dizer tudo isso mantendo-se ao lado do público, mais uma vez Tupac desloca sua posição, marcando esse movimento com um porém: “Lamento, mas são os cafetões e traficantes que estão *nos* ensinando. Então, *vocês* têm um problema...”. É bem nesse ponto que a insistência pelo “realismo” mostra o seu alcance mais controverso, ao mesmo tempo em que toma distância de qualquer questão de objetividade. Que o “crime” seja o meio onde os jovens dos guetos estão aprendendo os valores que lhes servem de base para a vida, isso é apenas mais uma coisa que todos ali já sabem. Por sinal, para qualquer ponto de vista mais “esclarecido”, o problema mais imediato é justamente esse. Não haveria um corpo de professores menos indicado do que um formado por “bandidos”. O que estes poderiam ensinar senão os caminhos que levam à prisão e à morte? A resposta de Tupac é tão simples e óbvia quanto importante para que se entenda a natureza do que está em jogo num momento como esse: “fazer dinheiro” e, assim, “derrotar o homem branco”. Uma operação ao mesmo tempo política e econômica, portanto.

Não há mistério algum nisso. Como também não há romantização alguma do papel do “bandido”. Se esse ensinamento causa revolta aos defensores da educação para a “cidadania”, é certamente por se esquecerem de que essa via nobre, quando não se encontra completamente fechada, não se faz suficiente para a realização do objetivo maior de qualquer educação contemporânea – a “preparação para a vida”. E é claro que, para isso, também não basta saber pegar um produto qualquer e trocá-lo por dinheiro. A cena criada por Tupac, na qual o traficante conta ao seu “jovem *blood*” como realizar o mais trivial dos negócios, é apenas uma alegoria para um conjunto muito mais amplo de saberes: aquele que serve à sobrevivência em meio a adversidades políticas e econômicas extremas, incluindo aí a constante incerteza frente ao exercício da Lei, sempre definido caso a caso em função das relações de força.

Mas por que não demandar ao movimento negro que simplesmente volte a se engajar na luta contra o preconceito, mesmo que ao seu modo e pelas vias institucionais que construiu ao longo de décadas? Não bastaria impulsionar uma campanha de humanização dos jovens envolvidos no “tráfico”? Por que se atrever a comparar Harriet Tubman e Malcolm X aos traficantes? Afinal, não se deveria privilegiar o combate à adversidade antes de aceitar os ensinamentos que, de modo paliativo, procuram apenas contorná-la? Em outro momento, numa entrevista a um programa de televisão, Tupac responde a esses questionamentos com um outro, digno de nota:

Você tem de ser lógico, sabe? Se eu souber que nesse quarto de hotel tem comida boa todo dia e bato todo dia na porta pra comer e eles abrem a porta, me deixam ver a festa, me deixam vê-los jogando salame pra todo lado, isto é, simplesmente jogando comida pra todo lado, mas eles dizem que não tem comida. Todos os dias, saio e tento passar minhas idéias através da música: “Temos fome, por favor, deixe-nos entrar. Temos fome, por favor, deixe-nos entrar”. Depois de uma semana, a música vai mudar para: “Temos fome, precisamos de comida!”. Depois de duas, três semanas, vai ser: “Me dê comida ou vou arrombar a porta!”. Depois de um ano, vai ser: “Estou forçando a fechadura, entrando pela porta voando...”. Tipo assim: você tem fome, chegou ao seu limite. Pedíamos há dez anos. Pedíamos com os Panteras. Pedíamos com eles, o movimento dos direitos civis. Essas pessoas que pediam morreram ou estão na cadeia. Então, agora, o que acha que vamos fazer? Pedir? (TUPAC, 2003, tradução minha)¹¹

11 O vídeo desta entrevista também pode ser assistido (sem legendas). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=I0XMJMphPT4>>. Acesso em: 08 out. 2011.

Questão de lógica. Mas a lógica não se encontra do lado oposto ao da necessidade, nem procura se afastar dos afetos, de modo que tudo pode ser narrado através de variações sonoras. De uma “música” à outra, constrói-se primeiro a passagem da reivindicação mais inocente àquela onde se faz presente a ameaça, para então chegar à ação direta. Nesta, mesmo que as palavras ainda sejam úteis e que se dirijam igualmente aos donos da festa, agora servem para descrever aquilo que já está sendo feito – e em nome do “combate à fome”. Com mais essa alegoria, Tupac justifica o caminho que seguiu: a via do *gangsta*, uma vertente do Hip-Hop que, em 1992, já era famosa por sua suposta intimidade com o “mundo do crime”. Uma versão curta, direta e histórica do diferencial dessa via foi contada por Tracy Marrow, vulgo Ice-T – ex-membro de gangues, ex-traficante, ex-presos, ex-cafetão e rapper também de Los Angeles, famoso por incorporar o *heavy metal* em sua música. Ele fala, mais precisamente, da aparição do primeiro grupo famoso de *gangsta*, o *Niggaz Wit Attitudes (N.W.A)*, cujo primeiro disco, *Straight Outta Compton*, traria faixas como *Fuck tha police*.

Quando o N.W.A apareceu, veio como um BLAM!! E levou a um novo estágio. Meus discos eram *sobre* crime e, ao mesmo tempo, neles eu tento mostrar o equilíbrio disso, tipo: “Se você fizer isso, vai acabar preso”. E o N.W.A é: “Foda-se! Nós vamos ser presos!”. Isso não é político, isso é “Eu sô um gangster”. E agora era realmente um outro nível, e isso colocou L.A. no mapa.¹²

A geração de rappers da qual Tupac faz parte é assim aquela que, além de não questionar o destino do “crime” – ou, como seria nomeado nas ruas, *tha Game*¹³ – como uma simples escolha de cada jovem, de fato tomou para si o desafio de fazer – ao menos – duas coisas com esse saber que liga as ruas às prisões. Por um lado, fazer uma arte, especialmente poesia. Não uma que meramente esfregue, de maneira ameaçadora, a própria “violência” que lhes é imputada na cara daqueles que os tomam por “irrecuperáveis” – ainda que, umas poucas vezes, essa possa ser mesmo a proposta. Antes, trata-se de fazer uma poesia que se dirija aos próprios moradores dos guetos, principalmente aos mais enfraquecidos, que lhes ofereça uma reflexão permanente sobre as histórias desses lugares – narradas como histórias de uma guerra civil iniciada muito tempo atrás – e que carregue a missão de manter viva a memória de certos ancestrais, daqueles que são chamados de *Original Gangstaz* (ou simplesmente de *O.G.z*) e daquelas que seriam as suas palavras e a sua ética, sempre voltadas à autopreservação e ao fortalecimento do próprio gueto.

The Last Poets fizeram isso com poesia. E mesmo na nossa história na antiga civilização africana, poetas iam de vila em vila e era assim que histórias e mensagens e lições eram ensinadas, tá ligado? E, então, a história se repete. E, então, isso foi, você sabe, óbvio. Foi aprender isso, sabe? Sendo a raça que somos, sendo a raça forte que somos, nos aprendemos aquelas vibrações positivas e começamos a fazer rap. E, então, eu acho que isso é um meio muito bom também.¹⁴

12 Trecho disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=TIIno3CDpHas&playnext=1&list=PL77E868F69AAC51AE>>. (Transcrição e tradução minha). Acesso em: 09 out. 2011.

13 A dissertação de mestrado de Adalton Marques (2009) é uma excelente referência para uma noção de “crime” que não seja nem jurídica, nem policial, mas – como ele mesmo diz – “nativa”. É interessante também notar como esse antropólogo se vê conduzido por seus interlocutores a comparar o crime com um *jogo*, mais especificamente com o de cartas.

14 Apesar de não sabermos quando essa fala foi gravada, a voz é a de Tupac e pode ser ouvida: Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=pm2ysOq_ouE>. Acesso em: 03 out. 2011. *The Last Poets* foi um grupo de poetas e músicos dos anos 1960 bastante engajados nos movimentos negros. Sobre eles: Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/The_Last_Poets>. Acesso em: 01 out. 2011.

Porém, o *gangsta* certamente não foi apenas uma forma “cultural” de expressão desse saber ancestral. Num movimento contrário ao caminho, geralmente solitário e humilhante, que conduz aos braços mercenários e traiçoeiros das grandes empresas da “indústria cultural”, com o *gangsta*, aquela geração de rappers inicia um processo de expansão daquilo que eles mesmos chamam de *tha Game* em direção a um novo mercado “cultural” que, apesar de muito mais seletivo, logo se mostraria extremamente mais promissor do que aquele – completamente miserável – do crack. É provável que um tal empreendimento tenha sido tomado de início como sinal de um delírio megalomaniaco e passageiro daqueles que eram apenas os jovens mais “pobres” e “vulneráveis” dos EUA e que, subitamente, passaram a acreditar que poderiam conquistar muito mais do que uma posição de cidadão respeitável: um lugar no topo da escala econômica – na primeira fileira dos seus espetáculos milionários, na primeira classe dos seus meios de transporte – e isso sem abrir mão de sua condição comum de “bandidos”, sem abandonar as ruas onde cresceram e sem esquecer de convidar aqueles com quem cresceram para as festas e, principalmente, para entrar na “firma”¹⁵. Uma aposta que, em pouco tempo e apesar de toda desconfiança e adversidade, se mostraria ao mesmo tempo mais realista do que se imaginava, ainda que praticamente impossível de ser alcançada por muitos.

Se a comparação dos esforços de Harriet Tubman e Malcolm X com aqueles dos traficantes de crack já parecia um tanto atrevida e profanadora, o *gangsta* inventaria uma via duplamente execrável para o regime de saber que até hoje reina entre os movimentos negros incluídos no grande jogo político “democrático”. Afinal, para participar deste é preciso respeitar o seu sistema de regras, que funciona como um dispositivo capaz de gerir saberes radicalmente heterogêneos como uma multiplicidade *apenas* “cultural”, capaz de estabelecer relações internas de “comunicação” de modo “transparente” e “tolerante”. É preciso, portanto, respeitar um certo regime “multiculturalista” de saber, cuja forma de expressão mais acabada é a linguagem do “politicamente correto” e cuja forma de conteúdo mais comum são as equipes “democráticas” de jogares. Ora, aparentemente, além de compactuar com tudo aquilo que supostamente definiria o terror da “intolerância” nas ruas, a via *gangsta* parecia fazer uso dos próprios meios “culturais” de participação juvenil e, mais uma vez, deliberadamente em nome do dinheiro – e, não, do direito. Em outros termos, ela reuniria num único “movimento juvenil” os dois grandes fantasmas temidos pelo jogo “democrático”: ao lado daquele chamado de “crime organizado”, estaria o “neoliberalismo”, nome próprio para a selvageria capitalista estimulada pela onda de governos conservadores nos EUA¹⁶.

Logo, não admira que essa via tenha sido perseguida desde seu início até hoje, ainda que em menor medida. Durante algum tempo suas produções musicais foram proibidas, quando não simplesmente boicotadas pelas grandes rádios, e seus artistas e produtores nunca pararam de ser investigados pelo Estado e de ocuparem as páginas policiais dos grandes jornais. Tupac não escapará desse destino e ainda terá seus discos queimados em praça pública, inclusive com apoio de um setor poderoso do movimento negro, que nele enxergará o pior dos exemplos. Assim, quando, em menos de dois anos, é acusado de estupro e quando – apesar de sentenciado apenas por “tocar forçosamente as nádegas” – é encaminhado a uma peni-

15 O próprio Tupac chegaria a dizer (em mais uma entrevista televisionada) algo assim ao responder a pergunta “Qual é a mensagem, então?": “Todas as pessoas que vocês jogam for a, os traficantes, os criminosos, eles estarão legalmente sentados ao seu lado na primeira classe, graças ao seu garoto aqui” (TUPAC, 2003, tradução minha).

16 Para falar apenas do governo federal, entre 1969 e 1993, com exceção do mandato de Carter (1977-1981), a presidência dos EUA foi ocupada por políticos do Partido Republicano. O *gangsta* surge exatamente no período de maior continuidade partidária da história recente do país, que vai de 1981 até 1993 e inclui os dois mandatos de Reagan e o de Bush (o pai).

tenciária de segurança máxima; quando, pouco antes de seu julgamento, escapa vivo de uma tentativa de assassinato nunca solucionada e quando, dois anos depois, é assassinado, tudo aparece como algo “previsível”.

Mas, ao que parece, o próprio Tupac não duvidava disso – como também, provavelmente, quase todo e qualquer jovem negro morador dos guetos no começo dos anos 1990: “1) Cada novo ladrão que entrar no jogo deve saber: a) vai ficar rico, b) vai pra cadeia, c) vai morrer”¹⁷. Trata-se do primeiro dos 26 pontos do “Código da Vida Bandida” (*Code of Thug Life*), redigido naquele mesmo ano de 1992 pelo rapper e por um de seus tios-padrastos, Mutulu Shakur, médico acupunturista, ex-aliado dos Panteras Negras e ex-membro do Exército de Libertação Negra, que fora listado pelo FBI entre “Dez Fugitivos Mais Procurados” e que, naquele momento, já se encontrava detido¹⁸. Essa afirmação, ao mesmo tempo resignada, destemida e ambiciosa, da previsibilidade do destino dos que, pelos mais diversos motivos e caminhos, ingressam no “jogo”, serviria apenas para definir um chão comum a partir do qual se poderia estabelecer um instrumento simples de regulação das relações entre os dois grandes conjuntos de gangues, os *Bloods* e os *Crips*, e das relações destes com os demais moradores dos guetos. Logo após o *L.A. Riot*, num famoso “piquenique”, o *Truc Picnic*, esse código seria “publicamente” aceito pelas duas partes, iniciando um período de relativa trégua para uma das guerras urbanas mais sangrentas que já se teve notícia. De quebra, esse momento histórico também resultaria na elaboração de um ambicioso “Plano de Reconstrução” da cidade, que chegaria a ser proposto publicamente. O projeto – que estipulava um gasto de US\$ 3,728 bilhões, contra os US\$ 1 bilhão estimados para o “prejuízo” provocado pelo *riot* – incluía propostas para as áreas da educação, da assistência social, do desenvolvimento econômico e até um *face-lift* pós-*riot*, além de uma ideia simples para o domínio da segurança pública. Nesta, as gangues se colocavam a disposição do Estado para assumirem formalmente a função de patrulhamento comunitário – desarmado e comprometido com a Lei¹⁹.

Tanto esse plano quanto o código seriam quase que absolutamente ignorados pela grande mídia, pelo poder público e mesmo por movimentos e organizações sociais. Aquilo que não seria esquecido por eles, entretanto, é a própria emergência do dispositivo *gangsta* e a sua capacidade de invadir, em uma única operação, dois “jogos” que, conforme os princípios mais civilizados, deveriam manter uma relação de independência mútua: o jogo político “democrático” e o jogo econômico “de mercado”. E, quanto a isso, a trajetória meteórica de Tupac é, mais uma vez, um bom exemplo. Apesar de ter sido um alvo público privilegiado durante o curtíssimo período que vai do começo de sua carreira, em 1991, até seus últimos dias de vida, em 1996, entre mil entrevistas à pequena e à grande mídia, entre breves e longos processos judiciais, além de ter passado quase um ano preso e de ter sido protagonista em três filmes hollywoodianos, o rapper gravou seis obras²⁰ que, vendidas aos milhões, alavancaram gravadoras e outros

17 Assim como no Brasil, a noção de “ladrão” (tradução mais direta para *jack*) não se refere ao criminoso que comete o delito do roubo ou do furto, sendo antes mais um sinônimo para “bandido” (*thug*) e outros termos que nomeiam aqueles que vivem no “crime”. O *Code of Thug Life* traduz para as ruas aproximadamente os mesmos princípios do código definido pelos presos da Ilha Grande (Disponível em: <<http://www.thuglifearmy.com/news/?id=8>>. Acesso em: 15 out. 2011.)

18 Mutulu Shakur foi detido pela justiça estadunidense em 1986, após permanecer cerca de cinco anos na lista dos *FBI Ten Most Wanted Fugitives* em função de um assalto (no valor de U\$ 1,6 milhões) a um carro forte em 1981, em Nova Iorque. A ação foi provavelmente a última organizada pelo *Black Liberation Army*. Para essas e outras informações: Disponível em: <<http://mutulushakur.com/>>. Acesso em: 17 out. 2011.

19 O plano e outras informações sobre as gangues em questão estão disponíveis em: <<http://www.gangresearch.net/GangResearch/Policy/cripsbloodsplan.html>>. Acesso em: 13 out. 2011.

20 Tupac ainda deixou material suficiente para que fossem lançadas (ao menos) mais cinco obras póstumas – e para

negócios da música à empreendimentos milionários. Da prisão, assistiria o seu quarto álbum, *Me Against The World*, que chegaria a ter mais de 1 milhão de cópias vendidas em menos de um ano, atingindo o topo da *Billboard 200* já na primeira semana.

Assim, não surpreende tanto que esse jovem negro e “de origem pobre”, crescido em diversos bairros considerados “violentos”, que viu boa parte de sua família ser presa ou morta, que viu também sua mãe viciada em crack e que, agora, apesar de toda a fama, encontrava-se exilado ao lado de presos condenados à prisão perpétua, ter sua fiança de US\$ 1,5 milhões paga por aquela que já despontava como “a firma” *gangsta* do RAP nos EUA, a *Death Row Records*. Tudo isso em troca de um contrato para a gravação de três obras. Um excelente negócio: apenas 4 meses depois de ser solto, Tupac já teria cumprido dois terços do acordo, gravando um álbum duplo que venderia mais de 5 milhões de cópias em dois meses. Ainda que o seu CEO e principal figura pública fosse Marion “Suge” Knight, mais um jovem negro nascido no gueto, essa gravadora não era apenas mais um empreendimento juvenil que havia dado certo. Legalmente, inclusive, ela era apenas uma parte de uma corporação maior, a *GF Entertainment*, cuja diretoria registrada em 1992 comprova uma aliança que, ao lado das cifras, demonstra bem o novo patamar do *Game* iniciado nas ruas dos guetos. De um lado, Lydia Harris, esposa de Michael “Harry-O” Harris, um dos mais bem sucedidos líderes do *Bloods*, que fizera alguma fortuna com o comércio de cocaína nos anos 1980 e que ficara famoso por investi-la na produção “cultural” do gueto, mas já se encontrava no mesmo lugar para onde fora em 1988 – a detenção. De outro, David Kenner, um advogado branco ligado ao braço estadunidense da *Cosa Nostra*. A trajetória da *Death Row* parece trazer ainda outros ensinamentos, principalmente entre outubro de 1995 e setembro de 1996, quando se confunde com o último ano da vida de Tupac²¹.

Mais uma vez, ele daria razões para desconfiança em relação aos seus propósitos e para a naturalização de seu destino trágico. Ao longo desse período, uma de suas mais conhecidas preocupações consistiria em perseguir *publicamente* os dois nomes mais famosos da principal gravadora de RAP de Nova Iorque, a *Bad Boy Records*: o seu CEO, Sean “Puff Diddy” Combs, e a sua estrela maior, Notorious B.I.G.. Ele os acusava de cúmplices na tentativa de assassinato que sofrera em 1994, jurando vingança e conduzindo, assim, para o interior do jogo econômico cultural a típica rivalidade das gangues. Justamente por isso, acusava e ameaçava pelas vias “culturais”, mas nunca pelas vias legais. Num intervalo de seis meses, as mortes de Tupac e de B.I.G. – os dois principais rappers daquele momento, assassinados praticamente da mesma maneira²² – podem ser tomadas como um momento em que se completa o processo de duplicação do “Jogo”, das esquinas dos guetos com a indústria do crack às esquinas de Las Vegas com a indústria da música. Ainda que uma duplicação como essa possa envolver alguma dose de simulação espetacular daquilo que fora construído como o maior dos pesadelos para os cidadãos confiáveis, é possível encontrar aí algo mais.

que fosse gerada uma longa disputa judicial entre sua mãe e sua última gravadora, a *Death Row Records*.

21 Em pouco tempo, Harry-O será sorrateiramente retirado do negócio por Kenner e Knight, de modo que este último comprará uma rixa eterna e nada fácil com um ex-todo poderoso traficante. Para detalhes dessa história: Disponível em: <<http://www.knowhiphop.com/lydia-harris-speaks-on-death-row-records-auction/article/572.htm>>. Acesso em: 14 out. 2011. Repare-se que GF pode ser lido como uma abreviação para godfather ou “padrinho” – uma maneira de tratamento para os chefes da Máfia mundialmente famosa após se tornar título de um dos mais assistidos filmes hollywoodianos, *The Godfather*, conhecido no Brasil como *O poderoso chefe*.

22 Ambos foram assassinados com muitos tiros, à noite, na saída de grandes eventos (Tupac em Las Vegas e B.I.G. em Los Angeles) quando sentados na carona de automóveis, em cruzamentos relativamente movimentados de regiões centrais. Também nos dois casos, a polícia demorou para chegar ao local do crime e as investigações não chegaram a qualquer conclusão. Investigações particulares como a de Derrick Parker (2007) parecem indicar, ao menos, que nenhum deles foi motivado pela suposta “guerra” entre o RAP da Costa Leste e o da Costa Oeste.

Esses assassinatos – que logo seriam seguidos por outros eventos, menos impactantes, ainda que igualmente sombrios e escandalosos – aos poucos despertariam a curiosidade dos departamentos de polícia, até chegar, um dia, ao horizonte da Inteligência Federal. Mas não demoraria muito para que estes percebessem o tipo de dificuldade que teriam de enfrentar para seguir em frente. Uma das mais conhecidas palavras de ordem do *gangsta* resume bem o problema: “o Jogo é para ser vendido, não para ser dito”.²³ Ainda nos anos 1990, seria criado em Nova Iorque um setor de investigação exclusivamente dedicado à indústria do RAP. Algo que, muito provavelmente, não viria a ter uma grande importância não fossem dois detalhes. Primeiro, o fato de ter sido resultado de uma reivindicação insistente por parte de Derrick Parker, um policial crescido nas ruas de um gueto local, notável conhecedor do RAP e de sua indústria e sinceramente preocupado com a segurança dos próprios envolvidos nessa nova faceta do “Jogo”. Em segundo lugar, o fato de sua investigação ter resultado na elaboração de uma compilação gigantesca com centenas de “fichas” de cidadãos ligados ao Hip-Hop – “quase” todos jovens e negros.

No começo dos anos 2000, o vazamento desse material para as mãos de jornalistas levaria a uma situação que exemplifica bem uma diferença fundamental entre as preocupações de rappers e aquelas mais comuns aos militantes dos movimentos negros. Enquanto a tradição destes conduz normalmente a denúncias públicas e mesmo à abertura de processos judiciais contra o Estado por racismo, a tradição dos primeiros não impele a fazer mais do que abrir um sorriso de satisfação, como se uma tal empreitada policial apenas comprovasse que, por mais direitos que tenham e por mais dinheiro que “façam”, o Estado nunca os deixaria em paz, sendo portanto uma perda de tempo e energias lutar para “tornar público” algo que a maioria das pessoas já sabe que acontece e, no fundo, deseja que aconteça. Para tornar toda essa distância ainda mais extensa, a intimidade demonstrada por Parker com aqueles que, para imensa maioria de policiais, já haviam demonstrado ser acima de tudo indignos de qualquer confiança, tornaria impossível a sua permanência no mundo da investigação pública e o levaria a abrir um escritório particular para continuar a fazer exatamente o mesmo trabalho. Com uma grande diferença: ele agora trabalharia para os próprios rappers e com o dinheiro deles²⁴.

Certamente, a dificuldade que esses saberes demonstram em se misturar e em se dissolver um no outro favorecerá algum reforço mútuo: uma suposta ineficácia ou, mesmo, uma inutilidade do esclarecimento multiculturalista que sustenta o movimento negro confirma a importância de seguir a via *gangsta* – com sua suposta “violência” e sua suposta adesão bárbara à economia de mercado – e torna ainda mais urgente afirmar os valores da civilidade, da solidariedade, da tolerância, do *fair play*, ou seja, esses que agora são as regras mais fundamentais do “jogo democrático”²⁵. Porém, isso não quer dizer que não possam se misturar – ainda que seja um tanto difícil dissolver um no outro. O próprio Tupac, em sua trajetória e em suas palavras, é um exemplo maior disso. Naquele banquete de 1992, após se atrever a comparar Harriet Tubman e Malcolm X aos “traficantes”, ele ainda diria mais algumas palavras antes de sair curiosamente ovacionado:

23 Essa frase foi utilizada como título de álbum por Snoop Dogg, um dos primeiros artistas a serem produzidos pela Death Row e um dos maiores rappers vivos da atualidade. A frase aparece também esporadicamente em muitas músicas, inclusive no começo de uma de Tupac, Str8 Ballin, do álbum Thug Life de 1994, quando uma voz distorcida e grave diz: “*I would share a definition of ballin with you white folks. But no... Game is to be sold, not told. Guess so what... Fuck you!*”. De maneira geral, ballin é um termo que resume a ação de “fazer dinheiro”.

24 Essa história é muito bem contada por um típico documentário estadunidense (SPIRER, 2006).

25 A democracia como “jogo” é um dos objetos centrais da tese que defendemos recentemente (CANDOTTI, 2011).

Pra mim, isto é Meca, saca? É a família negra que eu vejo aqui. Mas o que torna isso muito mais triste, o que me dá vontade de chorar, é que, assim que eu sair daqui, Meca também sai, tá ligado? Nós voltamos pra realidade. Ali fora vocês vão ver as mesmas irmãs e Brenda. Elas estão bem ali fora. E vocês vão todos entrar nos seus carros e ir pra porra das suas casas. Tá ligado?

Desculpem, eu peço desculpas, eu peço desculpas, mas saca isso: vocês não podem se ofender mais com o que eu digo do que com o que está acontecendo de verdade. Aquilo é real. Vocês todos tem que ser verdadeiros sobre isso, ser verdadeiros sobre isso. Porque vocês estão deixando a mídia e os brancos nos jogarem pra fora. Vocês deixam eles dizerem que os rappers não são reais e, você sabe, você tem que ser também a pessoa inteligente ou você é um degradado. Nós somos todos iguais. Nós todos sentimos como vocês sentem. Eu simplesmente não consigo ficar normal quando eu vejo isso.

[...] Isso é prova de que nós podemos nos juntar. Os jovens negros são o nosso futuro! E as jovens irmãs negras são o nosso futuro! Vai ser aquilo vocês fizerem. Então, se você não fizerem porra nenhuma, não fiquem bravos quando nós explodirmos. (TUPAC, 2003, tradução minha)

O registro não permite saber exatamente o que Tupac disse para merecer tantos aplausos. Mas, considerando toda a dinâmica daquele momento, é possível imaginar que estivesse, mais uma vez, posicionado ao lado do público e utilizando-se de certas palavras chaves, como aquelas de que se serve nas últimas frases: “o jovem”, “a jovem”, o “nosso futuro”, “nós podemos estar juntos”. Como chegaria a dizer um amigo seu dos tempos de Marin City: “alguns caras fazem coisas e, então, escrevem sobre. 'Pac escrevia sobre e, então, se tornava essa coisa”. Algo que é, geralmente, entendido como um sinal de fraqueza, como se ele, por nunca ter sido um verdadeiro “bandido” quando mais novo, precisasse se esforçar para criar uma ficção sobre si mesmo e assim ser digno do *gangsta* e da “vida bandida” de que tanta falava, enquanto que a “maioria” travaria batalhas físicas e mentais para superá-la. Porém, teria mesmo construído para si apenas um destino, ao mesmo tempo falso e trágico, de “bandido”? Ainda que o *gangsta* não tenha se mostrado uma via tão fácil quanto poderia parecer; ainda que não tenha se mostrado capaz de fazer tanto dinheiro *para o gueto* quanto para a indústria cultural branca; ainda que a invasão do mercado cultural tenha sido (como tudo neste mundo) convertida em matéria-prima para grandes corporações; ainda assim, a sua mera existência se mostrará central para a criação de um novo agente político que, posicionado na tríplice fronteira entre o jogo econômico, o jogo democrático e o “Jogo” das ruas e das prisões, será forte o suficiente para misturar dois grandes saberes um tanto incomunicáveis.



Tupac não viveu o suficiente para ver a importância que essa posição adquiriria para a política contemporânea. Ele não viu a emergência de um consenso governamental em torno dos imperativos de paz e oportunidade, suficientemente forte para possibilitar alianças entre velhos e grandes inimigos. Como, por exemplo, o Banco Mundial e a UNESCO, que desde o fim dos anos 1990 estreitaram seus laços, como se os economistas do primeiro tivessem se dado conta de que as preocupações humanistas e sociológicas com a capacitação e, principalmente, com a “participação” das “comunidades pobres” não eram tão descabidas ou inúteis quanto pen-

savam²⁶. Quanto a isso, o Brasil, que entrou nos anos 2000 como sinônimo de violência e desemprego, oferecerá ao mundo um grande exemplo, ajudando a difundir uma nova tecnologia social voltada ao dismantelamento do “crime organizado”. Nos termos do projeto “Segurança Pública para o Brasil”, publicado pelo principal centro petista de pesquisas da época, durante o primeiro ano do Governo Lula:

A nova abordagem requer um gestor de novo tipo ou um novo sujeito institucional e ambos exigem uma *nova aliança* ou uma nova modalidade de pacto com a sociedade. Não há política de segurança consequente sem participação e transparência, sem confiança popular nas polícias e nas instituições públicas — e todos sabem que, frequentemente, o policial uniformizado na esquina é a face mais tangível do Estado. Além disso, uma política consistente precisa moldar-se às peculiaridades variáveis dos contextos sociais e só pode ser eficaz se enfrentar a insegurança pública como uma problemática multidimensional — vale insistir — que supera o âmbito exclusivo da criminalidade. Por isso, o comando unificado [...], que reunirá várias secretarias de estado, municipais ou ministérios, depois de selecionadas as áreas de intervenção, a partir da análise da gravidade dos problemas, deverá mergulhar na vida de cada uma das comunidades-alvo, aplicando a metodologia de mapeamento interativo e participativo dos problemas e das prioridades. (INSTITUTO DA CIDADANIA, 2003, p.19)

Desta vez, sob o nome de uma “nova aliança”, coloca-se lado a lado outros dois velhos inimigos: a polícia e os defensores dos direitos humanos. E a partir daí, todo um conjunto de preocupações com os mais jovens adquire um novo impulso. Afinal, antes de governar de maneira repressiva, não seria preciso admitir que estamos por demais distantes do nosso fenômeno juvenil, quer dizer, da própria juventude vivida pelos jovens e que, portanto, seria preciso chegar ainda mais perto para poder interpretar melhor suas vidas e nelas intervir com mais respeito e eficácia? Pois, além de valorizar mais a escola, abrir mais vagas em universidades públicas, oferecer mais espaços de esporte e lazer, criar novos empregos ou melhorar a política de primeiro emprego, quer dizer, além de reclamar da capacidade do Estado, não seria preciso aprimorar a capacidade das ciências humanas para captarem o que são as “juventudes”? Não seria exatamente essa ausência de “visibilidade” do jovem pobre, de seu “reconhecimento” como um verdadeiro sujeito social, o que estaria levando nossa sociedade a uma situação de anomia? Enfim, não seria o caso de dizer que falta aplicar com mais determinação o ideal da participação juvenil, ainda por demais verbal, e permitir que sejam os próprios jovens aqueles a falar e a agir *através* das ciências e das políticas sociais? Ou seja, não faltaria às iniciativas de salvação uma maior “transparência” com relação ao próprio jovem, que afinal deveria ser a voz mais autorizada a tratar do problema?

Por essa lógica, percebe-se a importância conferida aos diversos coletivos diretamente ligados às ruas dos guetos, favelas e periferias urbanas em geral – como aqueles organizados por grupos de RAP, inclusive pelos que foram profundamente inspirados pelo *gangsta* estadunidense. Por um lado, espera-se que o Hip-Hop – esse acontecimento gigantesco e diversificado – seja um instrumento central para a tecnologia governamental participativa. Ao iluminá-lo como um novo sujeito da emancipação popular, como uma “tomada de consciência dos jovens da periferia” em relação aos “problemas da sociedade”, demanda-se dele que recorra ao espectro da exclusão social e que, assim, denuncie a corrupção e o descaso dos políticos,

26 Especificamente sobre essa aliança e sobre combate à pobreza como seu ponto de apoio ver a tese defendida por Tatiana Maranhão (2009), que nomeia esse momento como aquele em que é construído o “consenso das oportunidades”.

que critique a indiferença das elites pela “realidade social” e, principalmente, que fale sobre a “violência” vivida por esses jovens e suas famílias. Deseja-se que cada rapper “simbolize” toda a carência e que colabore no processo de refinamento da identificação de todos os pequenos perigos virtualmente presentes em sua comunidade e, ainda, que restitua a “esperança” e os “laços sociais”, convocando todos a um pacto pela paz.

Mas o destino reservado para esse novo tipo de agente – por vezes incorporado por uma rapper, por vezes não – foi além. Hoje, ele dificilmente pode ser separado da ascensão do pequeno empreendimento “social” e “cultural” periférico à lista das grandes soluções de governo. Dessas que aparecem nas recomendações do Banco Mundial. Para a sua gestão, os jovens das favelas e dos guetos serão os escolhidos. Mas, agora, ao lado da capacidade de “renovação social”, que há muito é atribuída aos jovens, aquilo que será mais valorizado em sua atuação é justamente a sua habilidade em transitar pelo temido “mundo do crime”. Coisa que – supõe-se – as gerações mais velhas nunca seriam capazes. Apesar de “batalhadoras”, elas seriam portadoras de saberes um tanto inúteis, nem suficientemente “tradicionais” para serem dignos de valorização pública e de tratamento jurídico diferenciado, nem suficientemente “esclarecidos” para serem dignos de uma comunicação eficiente. Os mais velhos não teriam condições de mobilizar o saber multicultural e participativo tão necessário ao bom andamento dos negócios econômicos e políticos. Mas, principalmente, eles não teriam condições praticar o saber das ruas, considerado fundamental para um diálogo íntimo com os mais jovens. Assim, dos mais velhos não se poderia esperar a “liderança” que agora se demanda: aquela dos que sobreviveram à vida criminosa, que dela conseguiram escapar e que se tornaram jogadores confiáveis tanto para a dinâmica do mercado quanto para a necessária estabilidade democrática.

Ao ser perguntado sobre “como convencer um bandido a deixar o tráfico de drogas”, o coordenador da ONG AfroReggae, José Junior, que na última década se notabilizou como “mediador de conflitos” no Rio de Janeiro, responde de um modo que deixa tudo isso muito claro. Primeiro, pelo tipo de projeto ao qual faz referência, o “Empregabilidade”, com o qual a sua organização procura oferecer, em parceria com grandes empresas, uma “oportunidade” no mundo do trabalho formal justamente aos que se encontram envolvidos com o “crime organizado” – inclusive àqueles que cumprem pena de prisão. Contudo, é na maneira de gerir esse projeto que se pode perceber a importância da mistura de saberes.

Você vai no Empregabilidade, você vai ver: um cara do Comando [Vermelho], um do Terceiro [Comando] e um do A.D.A. [Amigos dos Amigos]. Tem todas as facções lá. A gente botou ex-chefes para coordenar o projeto. Então, não tem psicólogo, não tem assistente social, não tem nada disso. Aí, tipo, o cara chega, quando tá encontrando o maluco e sentiu fraqueza nele... “Vem cá. Tu num tá de caô comigo não, né maluco?”. O cara sabe que ele foi chefe, uma liderança no crime. Por mais que o cara não é mais... Mas o cara é respeitado. “Tu não ta de papinho comigo não, né maluco? Tu quer mesmo parar?”. Sabe, assim? Então, porra... É o que está rolando, é o que está acontecendo.²⁷

Ao invés de insistir na crítica ou no elogio aos serviços agora prestados por esse saber das ruas (e das penitenciárias) ao seu velho inimigo – o saber ilustrado e multicultural – pode-se ver aí uma relação de mão dupla. E, por vezes, o sentido inverso de uma instrumentalização é a dependência. Talvez por isso esse saber que foi o solo principal para a criação da via *gangsta* esteja mais vivo e forte do que nunca. Algo que já não se pode dizer com tanta certeza a respeito do saber que, atualmente, pretende comandá-lo.

27 Entrevista concedida para o site da revista Época, em 2010. Disponível em <<http://www.afroreggae.org/empregabilidade/empregabilidade-projetos-especiais/17105>>. Acesso em: nov. 2011.

Referências

BLACK AND BLUE: legends of the hip-hop cop. Direção: Peter Spierer. Produção: QD3 Entertainment. EUA: QD3 Entertainment, 2005. 1 DVD (86 min), son., color.

CANDOTTI, Fábio M. *Em defesa da juventude – a participação como meio de governo*. Tese de doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, 2011.

DAVIS, Mike. *Cidade de quartzo*. São Paulo: Boitempo, 2009.

_____. L.A. Inferno. *Socialist Review*. Research Library, ano 22, n. 1, p. 57-80, 1992. Disponível em: <<http://www.personal.umich.edu/~sdcamp/readings/Davis,%201992.pdf>>. Acesso em: nov. 2011.

FORMAN, Murray; NEAL, Mark A. (org.) *That's the joint!* The Hip-Hop studies reader. New York, London: Routledge, 2004.

HIRATA, Daniel V. *Sobreviver na adversidade: entre o mercado e a vida*. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2010.

INSTITUTO DA CIDADANIA. *Projeto Segurança Pública para o Brasil*. São Paulo: Instituto da Cidadania, 2003.

MARANHÃO, Tatiana A. *Governança Mundial e Pobreza do Consenso de Washington ao consenso das oportunidades*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2009.

MARQUES, Adalton. *Crime, proceder, convívio-seguro*. Um experimento antropológico a partir de relações entre ladrões. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2009.

PARKER, Derrick; DEAL, Matt. *Notorious C.O.P. – the inside story of the Tupac, Biggie, and Jam Master Jay investigations from the NYPD's First "Hip-Hop Cop"*. New York: St. Martin's Press, 2007.

SAWAYA, Silvio. *Entre a paranóia da imaginação e a percepção alucinatória: hip-hop e postura de oposição na sociedade do fim da história*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, 2011.

TUPAC: Resurrection. Direção: Lauren Lazin. Produção: Amaru Entertainment INC. e MTV Films. EUA: Paramount Pictures, 2003. 1 DVD (111 min), son., color.

WACQUANT, Loic. *As duas faces do gueto*. São Paulo: Boitempo, 2008.